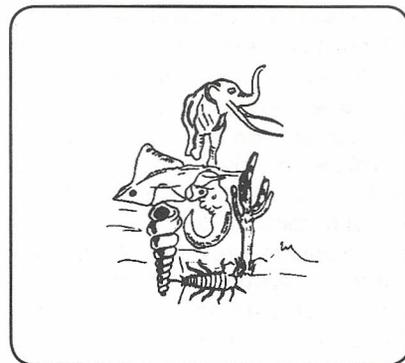


39.

## A EVOLUÇÃO NOS DIFERENTES REINOS



### 1. NO REINO MINERAL

Em nosso plano, como já dissemos, a involução cessa no reino mineral e aí a mônada inicia o movimento de volta; como é natural, começa pelas experiências psíquicas menores, transitando de uma família mineral para outra, do granito ao urânio e similares, pontos em que a matéria começa a transformar-se em energia.

Neste reino a organização da mônada é a mais rudimentar possível, limitando-se à existência de simples filamentos fluídicos que lhe servem de antenas e que lhe levam, no sono frio e profundo em que está mergulhada, as impressões, quase que inapreciáveis, do mundo exterior, como sejam: dilatações e retrações moleculares, por mudanças de temperatura; passagem de ondas, luz, som; tumultos da desagregação molecular por efeito de oxidações, rupturas etc.

Adstrita a este reino, a mônada começa a educar a sensibilidade no campo íntimo, até quando esse hábitat lhe fornece experiências aproveitáveis. Nele permanece como se estivesse submersa em um oceano imóvel muito denso, de vida inconsciente, não havendo, portanto, como é óbvio, integração.

Ela está simplesmente adstrita, agregada a esse oceano mineral, sentindo as impressões que dele recebe pelos ténues filamentos fluídicos que nele lança em todas as direções, inconscientemente.

Mas, em sentido geral, qual a forma física possuída pela mônada neste reino? Nenhuma. Unicamente massas imensas de minerais que cobrem extensas regiões do planeta.

Todavia, nos cristais encontramos uma certa organização nas diferentes famílias classificadas pela geologia.

Os cristais são unidades químicas coletivas, possuindo um mínimo já bem apreciável de psiquismo. Como expressivamente diz *A Grande Síntese*: "os cristais são sociedades moleculares, verdadeiros povos organizados e regidos por um princípio de orientação matematicamente preciso, na qual está manifestado o dito psiquismo".

Realmente, o movimento vibratório celular destes seres leva para a cristalização, em formas e desenhos os mais caprichosos e perfeitos, o que demonstra um maravilhoso senso de melodia, ordem e simetria.

Vejam agora, como se formam os cristais.

Os líquidos, condensando-se, solidificam-se nas formas minerais. Na formação do Globo os minerais, com o resfriamento que se deu, foram se condensando e superpondo, formando camadas e depósitos que receberam as seguintes classificações: 1) rochas fundamentais (são as pedras em geral); 2) jazidas minerais; 3) minerais metálicos; 4) combustíveis minerais.

Existem para mais de 3 mil espécies de minerais classificados, que se apresentam sob diferentes formas. Na cristalização, os átomos formam as moléculas poliédricas, isto é, que apresentam faces planas nas superfícies e estas formam os conjuntos geométricos que podem ser: monoclinicos, triclinicos, monométricos, dimétricos, trimétricos, trigonais e hexagonais.

Enquanto nos seres animados as partes componentes diferem umas das outras, nos minerais são todas idênticas; e ao passo que, nos primeiros, essas partes formam conjuntos, nos minerais são consideradas indivíduos por si mesmas.

Quando os átomos que se agrupam são da mesma natureza, no mesmo

número e obedecem à mesma disposição, geram os corpos chamados simples, e quando isto não ocorre temos os corpos compostos.

A cristalização dos minerais pode ser brusca ou normal; no primeiro caso temos o estado amorfo (sem forma própria) e, no segundo, o cristalino (com forma própria e regular).

Quando as moléculas se agrupam em planos paralelos, num mesmo sentido, forma-se a clivagem, que é a capacidade que tem o mineral de se fender em lâminas perfeitas, à simples batida de um instrumento apropriado.

Na cristalização, os seres minerais se formam por encostamento (atração, afinidade) e por penetração ou entrecruzamento; nestes dois últimos casos o conjunto sempre evolui para a formação de tipos mais perfeitos.

Os seres minerais também se podem classificar pela dureza, densidade, cor, brilho, sabor, cheiro etc.

São sensíveis ao calor, ao frio, ao atrito e, em presença uns dos outros, reagem diferentemente.

A sensibilidade mineral, o psiquismo mineral, é a capacidade que esses seres têm de possuírem vibrações moleculares mais ou menos intensas, que se afinam com as vibrações exteriores, vindas de outros seres e assim mutuamente se influenciando.

Essa capacidade de exteriorização foi cientificamente demonstrada por W. Crookes, o sábio inglês a quem o Espiritismo tanto deve no campo de sua propagação experimental, como também por Riechembach, outro sábio, alemão, que colocou no escuro várias pedras minerais, verificando que todas elas emitiam filamentos luminosos, umas em direção às outras.

A mônada, através de todos estes corpos minerais, realiza suas primei-

ras e mais rudimentares experiências de sensibilização passando, em seguida, para o **Plano Elemental de Transição A**, para sofrer as necessárias adaptações antes que ingresse no reino seguinte.

## 2. NO REINO VEGETAL

No reino vegetal, para onde os Espíritos Diretores a transferem no tempo devido, o campo de experiências da mônada se dilata bastante, porque aí já está em contato com a vida celular, que a existência do protoplasma permite.

Participando da vida das células vegetais, já dotadas de sensibilidade relativa, a mônada enriquece o acervo de ações e reações, passando a viver de forma mais ativa.

Das plantas mais rudes do fundo dos mares e dos desertos áridos, até as perfumosas flores dos jardins civilizados, que enorme caminho tem ela que percorrer no seu tremendo esforço de vir à tona da vida consciente, para religar-se à fonte de origem!

Como a finalidade de todo esforço é desenvolver não a forma física, mas o psiquismo, visando o despertamento da consciência individual no futuro, muitas alterações foram por isso introduzidas na organização da mônada, para que pudesse não só receber mas, também, armazenar as impressões exteriores.

Já não bastavam pois, simples prolongamentos fluídicos lançados para o exterior, como antenas, para recolher impressões à superfície, mas a criação de órgãos verdadeiros, possuidores de certa autonomia funcional, tanto na forma física como no psíquico.

A planta já não é mais inerte como o mineral: respira, reage. Lança suas raízes ao solo e por elas recolhe os alimentos de que carece e os faz subir pela haste, distribuindo-os pelos ramos e folhas. Lança seus braços para o céu em busca de luz e de força vital. Nas épocas apropriadas, abre o cálice de suas flores para receber o pólen fecundante, que lhe vem trazido pelo vento, pelos pássaros ou pelos insetos multicores que lhe rondam a ramaria e que, assim, lhe asseguram os elementos da concepção; e quando frutifica, espalha ao redor suas sementes, para que sua espécie subsista, beneficiando o mundo.

Muitas delas, nas épocas próprias, despem-se de seus mantos verdes, ficam nuas e hibernam em repouso para,

na primavera seguinte, recobrirem-se de novo e de novo florirem e frutificarem, perpetuando assim o ciclo da vida.

E o vento que as vergasta e o canto humilde que vem dos ninhos, armados nas frondes acolhedoras; e as tempestades que as maltratam, e o raio mortífero que as divide de alto a baixo ou, ainda, o machado brutal que lhes fende o lenho, mutila o tronco e as derriba ao solo, nada passa despercebido à mônada que, na sonolência do seu sonho, recolhe as impressões e as armazena, desenvolvendo a sua sensibilidade.

“O espírito”, como já foi inspiradamente dito, “dorme no mineral, sonha na planta, desperta no animal e vive no homem”.

E continuando a sua peregrinação, quando ingressa na família dos vegetais carnívoros, da terra e das águas, adentra os instintos da luta pela própria conservação, de que vai precisar intensamente quando ingressar no reino animal inferior; e também nos de bondade, nos seus primeiros e incipientes impulsos, quando atingir a classe dos vegetais benignos, que alimentam os seres, ou dos balsâmicos, que lhe curam as moléstias e os sofrimentos.

Resta agora perguntar quais as formas que tem a mônada neste reino e a resposta é que são todas aquelas que o mundo conhece e que a botânica classificou.

Terminada sua peregrinação neste reino, transitando pelas famílias, cujos contatos lhe foram úteis, passa a mônada, em seguida, ao **Plano Elemental B**, onde sofre as adaptações que forem necessárias ao seu ingresso no reino animal.

## 3. NO REINO ANIMAL

Quando atinge este reino, a mônada já sofreu transformações consideráveis, no período de transição referido e vê que então se abre à sua frente um campo muito mais vasto e profundo de experiências evolutivas.

De fato, neste reino, entra ela em contato mais direto com o protoplasma orgânico, substância viva e sensível, fundamental da célula orgânica.

Para evoluir nos reinos anteriores estava ela ou unicamente ligada ao conjunto orgânico, ou nele integrada como parte ínfima e de forma secundária mas, agora, mergulha fundo no oceano celular, nele submerge, sentindo

todos os seus impulsos e movimentos e participando de sua vida íntima. Agora não é mais unicamente uma parte do conjunto mas sim a cabeça, o centro motor desse conjunto.

Esse corpo que ela agora anima, é um mundo em miniatura — um microcosmo — formado de inumeráveis sistemas de turbilhões, compreendendo bilhões de células especializadas, cada qual com seu princípio rítmico e natureza de trabalho, tonalidade vibratória e finalidade funcional.

E todos estes elementos do dinamismo corporal se organizam justamente em torno à mônada, evoluindo ao seu redor, ao seu comando, como sistemas siderais em torno ao sol central.

Na realidade, toda aquela organização celular, vibrando e maravilhosamente perfeita, existe para servir à mônada, para que esta viva, se eduque, realize experiências, progrida na ascense, regressando à fonte espiritual de origem.

A presença da mônada é que mantém a coesão, o equilíbrio, a unidade do conjunto e sua interdependência funcional.

As ligações, que nos reinos anteriores eram, como já dissemos, externas, filamentosas ou celulares, porém secundárias, são agora integrais, célula por célula, órgão por órgão, sistema por sistema, porque o corpo físico é uma duplicata do corpo perispiritual.

É claro que neste reino a mônada começa sua peregrinação nos pontos mais baixos da escala, gradativamente se transferindo de uma família para outra, cada vez mais aperfeiçoada.

Porém, o mais importante é saber que, neste reino, ocorre o fenômeno principal do progresso psíquico da mônada, que é a sua integração em um corpo físico organizado especialmente para sua evolução individual.

Se nos reinos anteriores, repetimos, ela concorria a formar conjuntos como parte secundária que era, agora ela age individualmente, sendo, ela mesma, um conjunto.

Neste reino, para as ligações-ambiente, possui ela no corpo físico diferentes órgãos de sentidos, que variam segundo a classe animal onde está no momento realizando provas; sendo que o primeiro obtido e o mais generalizado nos graus inferiores da escala, é o sentido do tato; e à medida que a vida foi exigindo novos sentidos,

foram sendo estes desenvolvidos, até atingir o ponto mais perfeito, no reino humano.

E para as ligações do campo subjetivo e superfísico possui ela, neste reino, órgãos especiais da classe do instinto, fixados no cérebro, bastante desenvolvidos.

Classificamos os animais em grandes agrupamentos, sendo os principais: protozoários, poríferos, celenterados, platelmintos, nematelmintos, equinodermes, moluscos, artrópodes e os vertebrados, o primeiro sendo unicelular e os demais pluricelulares.

Através destes diferentes agrupamentos a mônada realiza suas experiências, mais ou menos profundamente, conforme as conveniências próprias e a juízo dos Espíritos Diretores, encarnando e desencarnando inúmeras vezes, e tanto mais rapidamente quanto mais baixa se encontrar na escala e, todas as vezes recolhendo precioso material de progresso e de sensibilização.

Passa em seguida ao **Plano dos Elementais Humanos**, onde convém que nos detenhamos um pouco.

#### 4. OS ELEMENTAIS HUMANOS

Os elementais são entidades-estado, elementos de transição entre os diferentes planos da vida, ou reinos da natureza. Nesses planos a mônada sofre as adaptações necessárias ao prosseguimento de sua evolução de um reino para outro.

Somente para efeito expositivo é que perfilhamos a denominação A, B ou C, adotada nos santuários egípcios da antiguidade, visto que, realmente, sua espécie é sempre mais aproximada do reino imediatamente superior. Assim, entre o reino animal e o hominal, os elementais são considerados elementais humanos.

Este é um capítulo singular, podendo parecer audaciosa sua inclusão nestes estudos. Mas esta é uma Escola de Iniciação e os aprendizes devem ser postos em contato com os conhecimentos existentes, mesmo quando não se possa ou convenha aprofundar sua investigação.

Atingindo os pontos mais altos do reino animal, após peregrinar, por último, entre os mamíferos superiores, em cujo ponto estão os símios, passa a mônada a realizar experiências e submeter-se a adaptação no reino misterioso dos seres invisíveis chamados Elementos da Natureza — por serem expressões vivas de sua força, instintos, paixões e virtudes espontâneas.

Aí ela se prepara para ingressar na classe dos homens, imergindo na trama dos arrastamentos psíquicos que os dominam.

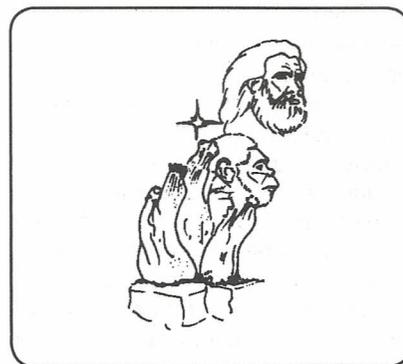
Há inúmeras formas de seres elementais, porém, os mais comumente citados são os que correspondem aos quatro elementos naturais — ar, fogo, terra e água.

Os elementais do ar chamam-se **silfos**, os do fogo, **salamandras**, os da terra, **gnomos** e os da água, **ondinas**.

Possuem formas que muito se aproximam das humanas e vivem de preferência nos elementos que lhes correspondem. São seres cujo trato e aproximação envolvem certo perigo porque não possuem consciência própria, são dominados por instintos e sentem grande inclinação pelos homens, podendo produzir perturbações físicas e psíquicas bastante sérias como sucede com os Espíritos inferiores e maus e com as formas degeneradas dos ovóides, larvas e outras diferentes manifestações, entre habitantes de mundos espirituais diferentes.



## 40. HISTÓRICO DA EVOLUÇÃO DOS SERES VIVOS



### 1. Introdução

Quando a Terra se tornou habitável, com temperatura adequada e atmosfera própria, sua superfície cobriu-se de protoplasma, o elemento que dá origem a todas as formas vivas.

O protoplasma não é o gerador da vida, mas o elemento fundamental da organização física das formas.

Os primeiros seres a aparecer foram as células albuminóides, da classe das amebas e todas as demais organizações unicelulares, isoladas e livres, cujo único sentido era o tato. Todos os outros sentidos vieram com o desenvolvimento do próprio ser, como já dissemos.

Depois, esses embriões se associaram para a vida celular em comum, dando origem às colônias de polípeiros e infusórios, que infestaram as águas.

E quando surgiu a terra firme e a vegetação, tendo as águas recuado para as partes baixas, apareceram os primeiros crustáceos, os anfíbios, que trocaram a água pelos terrenos lodosos, passando a fazer vida anfíbia por largo tempo.

E por fim veio o período dos répteis, dos sáurios gigantes, antecedendo a transição que marca a entrada do quaternário, no qual apareceu o homem e que se estende até os nossos dias.

A vida animal surgiu na Terra, segundo se supõe, há uns 500 milhões de anos ou mais e isso foi calculado examinando as camadas geológicas que, com o tempo, vão se sobrepondo umas às outras no solo, conforme já foi aqui estudado no 1º grau desta Iniciação.

Nessas camadas vão ficando retidos objetos, vegetais, esqueletos de animais, monumentos, construções e

até mesmo cidades, pertencentes às diferentes épocas da vida do mundo. São os chamados fósseis.

Por outro lado também já estudamos que da atmosfera caem sobre a crosta, constantemente, tênues camadas de pó, que no fim vêm a pesar para mais de 700 mil toneladas por ano e isso desde a criação do globo. Esse pó vai sepultando tudo, a par com os terremotos, maremotos, erosões e até mesmo com os trabalhos humanos. O solo, isto é regra, tende a nivelar-se.

As coisas abandonadas, assim sepultadas, vão sendo aos poucos desenterradas pelos cientistas que se dedicam a este ramo de conhecimento, chamado paleontologia. Com esses trabalhos eles reconstituem o que podem da vida da humanidade e do globo em suas diferentes épocas.

Pompéia foi sepultada pelo Vesúvio em 79 e desenterrada pelos italianos há poucos anos. E há regiões extensas soterradas, como fósseis, na Palestina, no Irã, no Egito, na Índia, no México, no Brasil e em toda parte.

Tendo vindo do reino anterior, a mônada, nesses tempos, realizava experiências ainda acanhadas no reino animal, nos seus primeiros contatos com a constituição orgânica celular. Depois, quando vieram os répteis monstruosos, os sáurios anfíbios, carnívoros e herbívoros, que durante mais de 100 milhões de anos travaram na superfície do planeta luta tremenda para a sobrevivência, para o que haviam sido preparados, possuindo cabeça minúscula e armas terríveis de ataque e defesa, passou ela por experiências violentas, desenvolvendo, de forma brutal, a força dos instintos, sendo completamente absorvida pelas necessidades imperiosas e bárbaras do ambiente em que vivia.

Depois que passou essa época e as aves encheram os céus e os mamíferos conquistaram a Terra, a mônada suavizou esses instintos brutais e apurou de alguma forma o campo espiritual, com o desenvolvimento do cérebro e a redução da massa orgânica, visando o futuro predomínio da inteligência.

Isso durou outros milhões de anos, até que a vida animal atingiu o máximo possível, no selecionamento das espécies, chegando aos tipos mais evoluídos dos macacos antropóides.

E quando veio o quaternário, como já dissemos, apareceu então o homem, produto de todo esse enorme e longo esforço evolutivo material e espiritual.

Neste reino humano, a mônada iniciou suas experiências com os homens primitivos, selvagens, tão próximos do animal que com este se confundiam.

A organização anterior fora feita visando a vida no campo do instinto e agora era preciso conquistar a vida consciencial, com o domínio da inteligência, para uso do livre-arbítrio.

No corpo físico suprimiu-se a cauda, reajustou-se o equilíbrio para a andadura sobre dois pés e introduziram-se modificações no sistema nervoso.

No campo psíquico houve acrescentamentos visando o mais amplo funcionamento da mente, sede da inteligência, da razão e da consciência; apuraram-se e desenvolveram-se os órgãos do sentimento, os plexos, o cérebro e os referentes às ligações com os planos extra-sensoriais.

Tudo isto é o que agora forma a entidade denominada alma humana, que é o conjunto formado pela mônada (essência luminosa, emanção

de Deus) e os envoltórios e órgãos destinados à sua vida exterior nestes planos atuais.

Para a Teosofia existe uma alma animal inferior e o Ego, uma alma espiritual superior, porém logo se vê que se trata da mesma coisa: é sempre a mônada, vivendo integrada nas suas diferentes organizações, conforme as necessidades das esferas existenciais em que se encontra em determinado momento de sua evolução.

Todas estas modificações, como já dissemos, foram se processando com o tempo nos planos de transição a que nos referimos.

Após essas modificações a mônada começou então a encarnar em corpos físicos, em tudo semelhantes aos dos antropóides, porém não se tratando mais de uma mesma organização psíquica como a anterior, própria de corpos de macacos, mas sim de almas mais evoluídas, mais completas, modificadas, melhoradas, já possuindo novas possibilidades.

Encarnou em tipos já selecionados, com supressão dos órgãos desnecessários e acrescentamento dos que deveriam ser agora utilizados na nova fase, tipos esses que, a partir daí, foram sendo cada vez mais aperfeiçoados pelos Protetores Espirituais, até atingir o ponto necessário para plena execução do programa da vida humana como a vemos hoje.

Essas modificações nas formas são sempre possíveis pela própria constituição da célula orgânica.

Como sabemos, o corpo físico é formado de bilhões de células especializadas, que se agrupam segundo os órgãos e as funções. Assim, no sistema muscular, as células são alongadas, lisas; no osso são arredondadas, no nervoso são estriadas e mais complexas.

Cada célula possui, dissemos, no seu protoplasma, 46 corpúsculos arredondados chamados cromossomos que, por sua vez, contém um número determinado de genes, nucleotídeos que são partículas microscópicas que encerram a chave da reprodução da espécie pela hereditariedade.

Quando a célula se reproduz, o que aliás ocorre com incrível rapidez, ela geralmente se adelgaça no centro,



formando duas porções iguais e logo se parte em duas, o que também acontece com os cromossomos: desta maneira cada célula nova continua a possuir os mesmos 46 cromossomos e estes os mesmos genes da célula primitiva. Isto permite que o novo ser gerado possua as mesmas características físicas que o anterior, trazendo as mesmas tendências psíquicas (considerar que o perispírito é o molde e o mesmo que veio da encarnação anterior) que serão mais ou menos desenvolvidas segundo o ambiente em que o novo indivíduo viver e os cuidados da educação que receber.

Agindo sobre os genes, os Espíritos podem não só formar os corpos como alterá-los, de acordo, é claro, com as conveniências ou as necessidades evolutivas da humanidade ou do indivíduo; e assim procedem modificando o número e a disposição dos genes nos cromossomos. Este é o conhecimento científico denominado "Mutações".

Ao entrar na esfera humana, a mônada iniciou uma vida diferente, repleta de emoções novas e profundas, principalmente pelo fato de viver agora conscientemente, por sua própria conta, utilizando a razão e o livre-arbítrio.

Nesse esforço imenso de centenas de milhares de anos ela, infelizmente, tem se afastado dos verdadeiros rumos, do verdadeiro sentido espiritual da vida, promovendo uma hipertrofia da inteligência em prejuízo do desenvolvimento do sentimento. Para ver isto basta observar a protu-

berância frontal, zona da inteligência e a retração do cerebelo, zona do equilíbrio.

Deixou-se dominar pelas solicitações, pelos prazeres e ilusões da vida material, desencadeando assim sobre si mesma uma multi-forme carga de sofrimentos físicos e morais.

A esta altura da vida planetária, com os ensinamentos que Jesus legou ao mundo, cada homem deveria ser uma chama viva de luz espiritual sobrepondo-se ao envoltório pesado da carne e ao ambiente, as mônadas se exteriorizando dos corpos físicos como luzes.

Entretanto, o que vemos é bem diferente: o mundo material mais que nunca dominando tudo, mergulhando as almas em trevas, em si mesmas e no ambiente tumultuoso em que vivem.

Os seres humanos, partículas divinas adormecidas na carne, irão sendo, todavia, cada vez mais sacudidos pelos embates da dor até que ouçam o chamamento de Deus, que não cessa um só instante de lhes falar no íntimo, clamando para que despertem para as realidades do espírito e para a felicidade eterna.

E já é tempo que elas atendam ao apelo sagrado.



Para terminar vamos agora resumir tudo o que foi dito:

A criação é mental; o pensamento de Deus se exterioriza como

centelhas de luz e de inteligência e estas se individualizam atraindo a si fluido cósmico com o qual se revestem e automaticamente caem no vórtice da involução; descem nesse vórtice condensando-se gradativamente através de diferentes esferas vibratórias até o ponto mais baixo que, para o nosso sistema, é o reino mineral.

Nesse reino, as mônadas luminosas fazem experiências evolutivas, desenvolvendo um mínimo de psiquismo nas formas dos cristais, a cujas massas ficam simplesmente adstritas.

Evoluindo para os vegetais, neste reino formam grupos coletivos que constituem as diferentes espécies classificadas pela botânica.

No reino animal, ao invés de constituir unidades celulares coletivas, já formam um indivíduo integrado na matéria orgânica, em torno ao qual a organização física se mantém.

Quando entra no reino humano, transforma-se em senhor do sistema, adquire órgãos psíquicos aperfeiçoados, bem como livre-arbítrio e consciência própria.

Entre todos os reinos, a mônada faz estágios de adaptação nos respectivos planos elementais e a partir da esfera humana ela se torna senhora do seu próprio destino.

## 2. Esquema da Evolução dos Seres Vivos

Criação mental divina.  
Exteriorização.

Envolvimento pela substância fundamental.

Involução até o mineral.

Início da evolução.

**Reino mineral:** psiquismo mínimo, inconsciência.

Estágio no Plano de Transição A.

**Reino vegetal:** sensibilização, formando conjuntos celulares. Instinto.

Estágio no Plano de Transição B.

**Reino animal:** autonomia, psíquica, organização individual, desenvolvimento do instinto.

Estágio no Plano de Transição C.

**Reino hominal:** consciência, livre-arbítrio, razão.

Planos espirituais superiores: superconsciência. Intuição.

**Planos divinos:** Não conhecidos.

# 41. LEIS UNIVERSAIS



## 1. INTRODUÇÃO

Conquanto respeite a conceituação científica, o programa dessa escola visa, nesta parte, dar ensinamentos de fundo espiritual e é neste caráter que vamos encarar as leis que regem a Criação Divina.

Por esta razão, deixamos de lado as leis que constam dos compêndios de física, astronomia etc., e trataremos de outras, mais propriamente do campo espiritual.

Em geral as leis podem se agrupar em dois setores, a saber: leis principais e leis secundárias, ou, melhor dito, subsidiárias; as primeiras são universais; afetam todo o Cosmo e, por isso mesmo, possuem caráter estático, permanente e definitivo, ao passo que as segundas são de aplicação ou âmbito mais restrito, agindo em setores determinados.

Vejamos em primeiro lugar as leis principais.

## 2. LEI DA EVOLUÇÃO

Esta lei se aplica à substância fundamental do Cosmo, como ao ser imortal, individualizado, ao Espírito, enfim.

E pomos em destaque esta separação porque, realmente, uma coisa é o jogo da substância, na trama do tornar-se, vindo da esfera do espírito para a da energia e desta para a da matéria e voltando pelos mesmos trâmites; e outra coisa, e bastante diferente, aliás, são as formas individuais, inteligentes, as mônadas luminosas, que evoluem através dos oceanos da substância transformável, sofrendo seus efeitos, recolhendo experiências, mas não se diluindo neles, mantendo sua integridade e não sofrendo modificações senão as do campo da vida moral.

A Lei da Evolução é imperiosa em todo o Cosmo, isto é, em toda a Criação, no plano relativo, e nenhum ser,

em mundo algum, salvo naqueles que já pertencem à esfera divina, escapa à sua ação. A sua contraparte, isto é — a involução — já foi por nós aqui mesmo estudada quando tratamos da organização dos seres. A involução é uma espécie de preparação, uma tomada de ponto de partida para o processamento da evolução.

## 3. LEI DA RELATIVIDADE

Deus, no plano absoluto, é inaccessível; sua criação, porém, é fenômeno do plano relativo.

Toda forma é relativa, toda essência é absoluta.

Deus, manifestado na forma, é o plano do relativo. Todos os universos são, pois, uma manifestação do plano relativo.

Tudo que evolui é relativo porque só o relativo é mutável.

Tudo que é material, objetivo, visível, é relativo. Somente o que